

Crianças de rua ganham 'embaixador' em SP

Cesare La Rocca, fundador do Projeto Axé – a iniciativa brasileira de arte-educação mais conhecida no mundo –, é o novo consultor do Travessia, com desenvoltura em importantes relações internacionais

GABRIELA ATHIAS

Cesare La Rocca, de 60 anos, o fundador do projeto de arte-educação brasileiro mais conhecido internacionalmente, o Projeto Axé, na Bahia, é o novo consultor do Travessia, o programa paulista voltado para meninos que vivem nas ruas. La Rocca tem um interlocutor privilegiado no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID): o presidente Enrique Iglesias. Em São Paulo, ele está disposto a colocar a infância na pauta das classes política e empresarial do Estado.

La Rocca será uma espécie de embaixador do Travessia. Durante a visita de Bill Clinton ao Brasil, ele recebeu a visita de Hillary no circo do Axé. La Rocca exporta tecnologia para países africanos e para as prefeituras de Roma, Milão e Nápoli, e, além disso, começa a fazer intercâmbio com uma das mais importantes comunidades do Harley, o bairro afro-americano de Nova York. Na sexta-feira, ele embarca para Washington para captar recursos, com o BID, para financiar um projeto de hotelaria para o Axé. O banco financia há quatro anos (com US\$ 1,5 milhão) 80% do custo do centro de formação do projeto.

"O Travessia é filho legítimo do Axé", diz La Rocca, ao contar que há dois anos, quando o projeto paulistano foi idealizado pelo Sindicato dos Bancários, os coordenadores fizeram estágio na Bahia. No entanto, ele ressalta que "São Paulo é quem vai dar carteira de identidade ao Travessia". Ou seja: assim como o Axé traduz a cultura baiana, o Travessia, na sua nova fase,

terá a cara de São Paulo.

Essa é a base do know-how criado por La Rocca: definir o trabalho a partir do desejo dos meninos, que variam de um lugar para outro. Aos educadores cabe estimular as vocações e possibilitar a materialização desses desejos. Para isso, o caminho escolhido é a arte. "Temos de tirar as crianças da feiúra; é um milagre o que a estética faz na educação", diz. Foi assim na Bahia e será em São Paulo.

"O trabalho do Travessia é de excelente qualidade", ressalta La Rocca, ao dizer que importante agora é ampliar os atendimentos na capital e mobilizar a sociedade paulista para aumentar a visibilidade e o orçamento do programa. Atualmente, os educadores fazem

contato com 200 crianças, em média, por mês e coordenam as atividades de 50 adolescentes, entre a Oficina das Letras (alfabetização) e atividades artísticas. Este ano, o projeto contará com orçamento de R\$1 mi-

lhão, originários principalmente do Banco de Boston.

A intenção é que o Travessia cumpra o que, para La Rocca, é o papel da sociedade civil: servir de padrão para a formulação de políticas públicas. Como o Axé é empresarial e socialmente um sucesso – saltou de um orçamento de R\$ 200 mil, em 1990, para R\$ 6 milhões e 1.020 atendimentos este ano –, ele imagina que em São Paulo, centro financeiro e de ressonância social, o alcance do Travessia venha a ser ainda maior. "São Paulo é generosa e merece um projeto competente", diz La Rocca, que começou a apreender a realidade paulistana passeando, de madrugada, pela Praça da República.

**"A ESTÉTICA
FAZ
MILAGRES NA
EDUCAÇÃO"**